

coleção
poesia
viva

_MATINÊ

MARCELO MONTENEGRO

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

_MATINÊ

MARCELO MONTENEGRO

QUITUTES DE CRÂNIO Lactobacilos
vivos Aspirina de enigmas e o álbum
branco dos beatles Barranco
onde nasce uma planta
rara Como quem bebe
a menstruação de uma fada Agulha
na vitrola do espanto *Skates*
do nada Livro lido por um
incêndio e as pupilas de gelo
que a ternura ejacula na página Lapso
apalpado como se uma janela Frase
escrita na vidraça Garoa
que a luz de um poste revela

ESTRANHO ÍNTIMO

Mapas malucos em muros úmidos.
Bolhas num adesivo.
Dedo cortado por uma página.
O espanto é um bairro
no olhar do meu filho.

“Não se salva um navio
não o construindo”.
Cicatrizes mudas
no braile do carinho.

As janelas dos carros
fatiando meu reflexo.
Um esguicho de música
no cofre do ouvido.

PARMEGIANA SONG

1.

Tem dias me arreganho
Noutros me desconheço
Me pulverizo, jogo no cesto
Todo e qualquer sentido
Me sofisticado, desvendo os nós
Do meu próprio avesso
Tem dias me apanho arisco
Não me convenço, me desminto
Me surpreendo, dinamitando a volta
Das pontes que eu atravesso

2.

Tem dias que penso: quanto mais épico
Mais íntimo, depois, sem jeito
Eu mesmo me desconverso
Tem dias cabaré, noutros
Convento, e retiro o que sinto
Assim, subindo meu preço

MATINÊ

Às vezes saio do cinema
E me ponho a andar
Cartografias pessoas
Apenas olhar
Ter a leve impressão
De que a cidade está grávida
De um outro lugar

TELEFÉRICO DE TERNURAS

A imagem do cais, afastando-se,
lentamente. Até desaparecer
noutra imagem. O barulhinho do motorista
destacando a passagem.
E o artesanato das nuvens
que se dissolve
na face de um velho marujo
refletida no mar.
Esse frio na barriga onde mora
o que não sabe dizer.

POSTAL

Daqui a 30 anos, digamos,
que alguém leia este poema.
Todos os pequenos laços
que o ligam ao mundo
fora dele e à vida de um
poeta *fudido* entre milhões
de pessoas lugares motivos não estarão
mais aqui para socorrê-lo.
Daqui a 30 anos a coisa
será somente a coisa mesmo.
Uma cápsula amputada do tempo,
um bife arrancado do amor.

VELHAS VARIAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA

Gerúndio Jazz

Agora mesmo algum maluco
deve estar postando qualquer treco
genial na internet,
alguém deve estar pensando
em como melhorar aquele texto
enquanto lota o Especial
de vinagrete, perseguindo
obstinadamente um acorde
voltando da padaria.

Agora mesmo alguém
pode estar pensando
que guardamos só pra gente
o lado ruim das coisas lindas –
assim, trancafiado a sete chaves
de carinho – Alguém
pode estar sentindo tudo ao mesmo tempo
sozinho, assim brutalmente
sentimental, feito coubesse
toda a dignidade humana
num abraço tímido.

Agora mesmo alguém deve estar limpando
cuidadosamente o CD com a camisa,
pulando a ponta do pão *pullman*,
sentindo o baque da privada gelada,
perguntando quanto está o metro
daquela corda de nylon, trepando
no carro, empurrando o filho
no balanço com uma das mãos
e na outra equilibrando
a lata e o cigarro – Agora mesmo
alguém deve estar voltando,
alguém deve estar indo,
alguém deve estar gritando feito um louco
para um outro alguém
que nem deve estar ouvindo.

Agora mesmo alguém
pode estar encontrando sem querer
o que há muito já nem era procurado,
alguém, no quinto sono,
deve estar virando para o outro lado;
alguém, agora mesmo, no café da manhã
deve estar pensando em outras coisas
enquanto a vista displicentemente lê
os ingredientes do *Toddy*.

ROBERT CREELEY BAND

Monga, a mulher-gorila:
na dúvida, rindo da vida;
aqui, grudada no corpo,
como uma calça jeans
encharcada de chuva –
A preparação do salto
na cabeça do cervo morto.

A musa fatiada na véspera
do mágico. E o jeito encantador
com que a executiva
mexe o canudo
no copo de suco.

Na quermesse dos sentidos,
onde a noite troca de pele
com o dia – O céu esfolado,
anjos em velocípedes –
A esfiha que sobra
na lanchonete que fecha –
Onde o espanto
lustra seus rifles.

CARPINTARIA REVISITED

Cabe à poesia, como diria Lobo Antunes,
“despentear a prosa”. Dissolver-se,
nela, engenhosa, anfíbia, como sal
de frutas no estômago dos contos.

Quanto à prosa – entre feiras do livro
e fichas de pôquer – tirar da poesia
seus óculos de ópera, até que uma
jogue fora a chave da algema da outra.

Ah Roman Jakobson, bebaço,
nas estrias do texto. Porque
como o esgoto despeja no mar
a cidade vomitada – ou seja, linguagem

que recai sobre si mesma –
solto agora um romancista dentro
do poema. E o lanterninha
da página, que o mais é cinema.

LOST IN TRANSLATION

Parar como se esquecesse de algo,
A estranha equação dos encontros,
Onde a máquina do mundo se evola,
Canções que não cabem no corpo?

Qual bisettriz ou tropeço de passos,
Lepras de acasos, ciscos de encanto,
A numeração raspada de um revólver,
Deus chegando em ponto morto?

POEMA ESTATÍSTICO

Tem uma esquina *prenha* de um latido.
Trechos de pássaros que permanecem
nos muros que ficam. E vice-versa.
Um e-mail anotado às pressas no canhoto do tintureiro.
A cirrose portátil. A síndrome do pânico.
O enroladinho de presunto e queijo.

Tem a Mulher mais Linda da Cidade.
Groupies de cabelo rosa. Poodles
da solidariedade. Alguém chorando lágrimas
de tubaína. Penélopes Charmosas.
Dick Vigaristas. Um cara que já sai desviando
do cinema *del arte*, evitando ser atingido
por alguma conversa perdida.

Tem a mulher da videolocadora
que não conhece o filme que estou procurando.
Um amigo que diz que escreve só para colocar epígrafes.
Taxistas infláveis. Manicures em chamas.
Um casal que desce a rua na banguela
prolongando a gasolina daquilo tudo
que um dia fora. Eu ando apaixonado
pela mulher da videolocadora.
Lendo revistas na sala de espera
do consultório dentário. Tem uma
que venta. E um que desiste.
De arranhar os vidros do aquário.

BUQUÊ DE PRESSÁGIOS

De tudo, talvez, permaneça
o que significa. O que
não interessa. De tudo,
quem sabe, fique aquilo
que passa. Um gerânio
de aflição. Um gosto
de obturação na boca.
Você de cabelo molhado
saindo do banho.
Uma piada. Um provérbio.
Um buquê de presságios.
Sons de gotas na torneira da pia.
Tranqueiras líricas
na velha caixa de sapato.
De tudo, talvez, restem
bêbadas anotações
no guardanapo.
E aquela música linda
que nunca toca no rádio.

ESPANTALHO DESCARADO

para Fábio Henriques

ando assim
tipo um erro flácido ambulante
sem êxito, hesitante
disco riscado
fora de catálogo
no pó do instante
ando assim oco, uma crosta
vodu cansado que com a sorte
nem mais dialoga – diamante
ando assim sem linguagem
sem faro, espantalho fora de foco
ando assim
mais opaco que olímpico
esquivo, íntimo, insípido
um mastodonte pensando
desamparado
aspirando a paralelepípedo
ando assim meio Buster Keaton
um tanto de lágrima hasteando o riso
ando assim raso
indiferente
me divertindo um bocado
eu ando mijando no poste
porque o banheiro
está sempre lotado

GRUTAS

À paisagem gravitam
Nas grutas do invisível
Pequenas ou grandes coisas
Que não se explicam

E aparecem
E passam
Evaporam
E chovem no meio do mar

A gente nunca sabe a hora
E é sempre a hora exata

De se olhar

CONTRAPLANO

algo ganiu no peito das formas;

vareta quebrada
de um guarda-chuva,

um cachorro
mancando na aurora.

– chave brigando
com a fechadura;

traduzindo, em
volta, o que só existe

de ir embora.

ENTRE A QUITANDA E O ONÍRICO

As infiltrações nostálgicas
dos tetos empretecidos.
Bocejando colinas azuis.
Pingentes de sangue no piso branco.
Despertar assustado
com o próprio ronco.
Uma matéria de jornal
guardada para se ler depois.

Feito um rosto, íntimo, que a gente
se esquece. Na ponta da língua.
Na esgrima dos olhos. A palavra que falta
é uma unha que cresce.

SINOPSE

Canetas que falham ao lado do telefone.

O baque das havaianas na escadaria.

O labor sigiloso de um poema.

Um gemido de geladeira

nalgum ponto perdido do dia.

Um copo que nosso brusco

e cômico malabarismo

evitou que se quebrasse.

EXILE ON MAIN STREET

O balde azul-claro. O velho quintal.
O cabeçote sujo da memória.
Um filme que se soletra, a tacape, desde o fim.
Forte apache. Benflogin. A lisura do serviço.
Que ser moderno, meu bem, dá nisso.
Poemas sóbrios, beges, concisos.
E evitar no poema palavras como: Bugiganga.
220 volts. Rick Wakeman é o Olavo Bilac do rock.
Nem todo perna de pau tem seu dia de craque.
Estelionato. Western Spaguetti. Birra de criança.
Charme incerto de forasteiro, baby.
Que o cachê cobre a fiança.

MAKING OF

Acabar com toda gentileza
E concluir minha própria temporada de caça
Parar de me arriscar
Dar o fora da minha natureza
Esganar essa ternura metida a besta
Sabotar a causa
Mutilar a festa
Desistir do que penso
Psicografar meu riso
Sancionar meu egoísmo
Panfletar este silêncio
Cultivar uma plantação de morcegos
E no meu alfabeto maluco de medos
Apagar de uma vez por todas
Todos os aposentos da delicadeza
Estuprar essa leveza
Destituir-me desta maldita mania
De sempre esquecer
Uma luz acesa

RESTOS DE ESTÚDIO

Cada cigarro fumado na madrugada fria do posto
de uma cidadezinha absurda qualquer
durante a parada do ônibus.
Quantas imagens apodrecidas
na garganta seca das descrições,
Canções que não chegaram a tempo.

Quantos dentes pintados de preto
nos retratos sérios dos livros de História,
Tanto amor que virou desespero.
Cada silêncio perdido no grito,
Tantos cacos de vidro em cima dos muros,
Como se eu mesmo os tivesse escrito.

Quantos versos criados a bordo e não anotados,
Tanto rancor latejando
na mudez de socos não redigidos,
Tanta fita cassete e as gargalhadas
de todos os loucos
espanando o sublime do mundo.
Quantas giletes cuspidas de um pulso,

Quanto caderno novo começado,
Quantas falas roubadas de amigos,
Tantos pântanos não soletrados.
Quanta inocência colhida em varandas de abismos
que eu carrego comigo
como um tesouro afundado.

SOBRE O AUTOR

Marcelo Montenegro (São Caetano do Sul, SP, 1971) tem programado dois lançamentos para o segundo semestre de 2011 (ambos pela [e]ditorial, SP): o inédito *Garagem Lírica* e uma reedição de seu primeiro livro, *Orfanato Portátil* (Atrito Art Editorial, 2003, PR) – livros dos quais foram retirados os textos aqui presentes. Acompanhado por um time de músicos, o poeta se apresenta, desde 2004, com o espetáculo *Tranqueiras Líricas*, no qual seus poemas falados se fundem ao rock'n'roll, ao blues e ao jazz. Trabalha como roteirista e criador de luz e trilha sonora para teatro. Escreve em <http://orfanatoportatil.wordpress.com/>.

Prefeitura de São Paulo Gilberto Kassab
Secretaria de Cultura Carlos Augusto Calil

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Divisão de Curadoria e Programação Ricardo Resende **Divisão Administrativa** Gilberto Labor e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Isis Baldini e equipe **Divisão de Bibliotecas** Waltemir Jango Belli Nalles e equipe **Divisão de Produção e Apoio a Eventos** Luciana Mantovani e equipe **Divisão de Informação e Comunicação** Durval Lara e equipe **Divisão de Ação Cultural e Educativa** Alexandra Itacarambi e equipe **Coordenação Técnica de Projetos** Priscilla Maranhão e equipe

Matinê | Coleção Poesia Viva Autor Marcelo Montenegro **Coordenação Editorial** Claudio Daniel (Curador de Literatura do CCSP) **Conselho Editorial** Heloísa Buarque de Hollanda, Leda Tenório da Mota, Maria Esther Maciel, Antônio Vicente Seraphim Pietroforte e Luiz Costa Lima **Projeto Gráfico CCSP** Adriane Bertini **Impressão** Gráfica do CCSP

COLEÇÃO POESIA VIVA

periodicidade: mensal ou bimestral

distribuição: gratuita, no CCSP e nas bibliotecas municipais

tiragem: 500 exemplares

São Paulo, 2011

isbn: 978-85-86196-39-3



WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR
R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000
Paraíso / São Paulo SP
11 3397 4002
ccspl@prefeitura.sp.gov.br